

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3540 réis — Semestre, 15770 réis —
Trimestre, 935 réis.

Subscryve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida —Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3500 réis — Semestre, 15500 réis —
Trimestre, 800 réis.

NUMERO 28

SEXTA-FEIRA 4 DE OUTUBRO DE 1861

PRIMEIRO ANNO

AVEIRO

Com a devida venia extractamos da *Liberdade* do correio d'hoje o magnifico artigo com que ali deparamos.

Para lhe dar ainda cabimento nas columnas deste numero, retiramos o nosso artigo de fundo.

Armamo-nos para a opposição, e pedimos ao paiz que se arme connosco. São extemporaneas e desnecessarias estas prevenções? Oxalá que o fossem.

Em que homens, em que parceria politica, queis que descancemos? Sabem que rumo leva a nau do estado? Tem bem marcado o ponto da derrota em que ella vai? Estão seguros da viagem? Nós não podemos participar desta confiança, nem chegamos mesmo a comprehendela.

Então que nos cumpre fazer, senão dar rebato ao espirito publico, e excitar o paiz a que attente por si, a congregar influencias politicas que solicitem remedio para as suas urgentissimas necessidades.

Não convocamos ninguém para a Icaria. Se lá aportassemos, não achavamos terra deserta. Essa região, o Porto Pyreu, e os vastos intermundios de Epyceuro, tem uma população propria, e essa é já tão numerosa, que começa a emigrar.

Dizemos ao paiz que se aperceba para a opposição. Este grito espanta aquelles que tem passado a vida a repetil-o. Sobresaltam-se da rotina? Arrepiam-se do costume? Esqueceram em tão pouco tempo as formulas populares, os mandamentos constituçoes. Donde vem esta subita mudança?

Fomentamos a opposição, e os adversarios do governo levam a mal o nosso empenho. Auxiliamos as suas fadigas; e praguejam a nossa coadjuvação. Deslembra-se até de que tem o inimigo commum na frente, e voltam as suas hostes contra quem vae accommettel-o. Esta tactica deve ter algum segredo, e não será difficil adivinhá-lo.

Queis que se aggrida o ministerio bem junto; queis que d'uma volta de mão se apanhem todas as pastas; queis que as seis cadeiras fiquem todas vazias. Mesmo a do sr. Avila? É grande ousadia, e grande ingratitude. Mas emfim vamos a isso.

Vamos! que fomos dizer? A opposição orthodoxa não conhece plural. Se ella escusa o concerto, as idéas de governo, os compromissos publicos, a acção, e a palavra! Se ella não é obra de homens, nem d'elles necessita, nem por elles se manifesta; se ella é um mysterio, um espirito; se ninguém a vê, se ninguém a ouve; se não dá contas senão a si mesma; se se não entende senão consigo; se tem uma razão toda sua para existir, e para proceder!

A opposição sonha com a queda dos minis-

tros; sonha todos os dias, todas as horas, e todos os instantes. Se os sonhos opposicionistas derrubassem os ministros, não havia governo possível senão um. D'um lado a sonharem, d'outro lado a morrerem; era uma horrivel carnificina politica, e o systema representativo, quanto á multiplicidade das mortes, podia comparar-se por figura com um circo romano.

Esteve a opposição orthodoxa frente a frente com os ministros tres mezes. Discuti-se a resposta ao discurso da corôa. A opposição não pode passar sem este torneio; achava-se reflecta de vida e de razão. Tinha passado o intervallo das sessões a esclarecer-se, e a reforçar-se. Era pena não ostentar os seus meios n'um debate solemne.

O publico estava preocupado da questão das irmãs da caridade. A opposição orthodoxa no ordenar dos trabalhos parlamentares seguiu a preocupação do dia; satisfaz a anciedade geral, foi cavalheira e primorosa. A questão das irmãs da caridade. A ella sem demora. Tinham pressa de votar com o governo.

Votaram, e os ministros enfiaram com este apoio. Fizeram logo conselho, e a crise esteve a arrebentar.

O sr. Avila pediu uma auctorisação para reformar as alfandegas; era um voto de confiança, e os votos de confiança merecem sempre o respeito das opposições constituçoes. A virtude destes expedientes é immensa; provam a inutilidade do parlamento, e deixam os ministros na liberdade de asnearem em favor do paiz. De mais isto de alfandegas são casas onde se recebe dinheiro, e não merecem outro cuidado senão mandar buscar todos os dias o que ellas rendem. É uma cultura certa; ainda mais; são medidas sabidas. Abre-se o colleiro no dia de S. Miguel, recebem-se os pães que Deus creou, e o lavrador trouxe a casa.

A opposição portanto debandou, e o voto de confiança foi votado. Os ministros reuniram-se logo em conselho, e decidiram que, acontecendo-lhe outro desastre como aquelle, não havia remedio senão pedir a demissão.

Tractou-se de subsidiar a companhia *União Mercantil*. Levanta-se fóra do parlamento uma grande cerração; desfecha logo em grande tempestade, e trovoada. Fuzilavam as apostrophes, as invectivas: as cifras eram aos salceiros. Os ministros que subsidiassem a companhia; os deputados que votassem pelo subsidio; os navios que andavam na carreira; os livros que não tinham ousado resistir á escripta das contas da empresa; tudo tudo devia submergir-se nesta horrivel voragem da opinião.

Mas em S. Bento estava um dia de primavera. As brisas bamboleavam as gelosias; o sol reflectia sobre a calva susceptivel do presidente. Os oradores estavam inspirados pelo espirito da concordia, e o subsidio foi concedido, e ampleado. Um ligeiro debate, sobre modos e fórmulas, provou a innocencia das substituições que fizeram ao trabalho do governo.

seus triumphos—de seis mil moréas que lhe emprestou, e não quiz ser reembolsado com dinheiro, mas pago no mesmo genero. Posto que era pequena, vendeu a sua *villa*, por causa das maravilhosas piscinas que continha, por quatro milhões de sestercios, que vem a ser um milhão de francos.

Hortensio, o bello Hortensio, o banqueiro, general, e orador, que defendeu contra Cícero a causa de Verres, e a perdeu—que com consentimento de Catão tomou a mulher de Catão, tinha magnificas piscinas em Bauli; mas era tal a affeição que tinha aos peixes, que só tratava de os sustentar, sem que elles lhe servissem de sustento; de maneira que para os usos da sua mesa mandava trazer-os de Puzzuoli, em vez de pescar os dos seus viveiros. Ainda isto não é tudo. Tinha pescadores assalariados, que continuamente andavam á pesca de peixe miúdo, para lançar nos viveiros ás lampreias, moreias, douradas e ás sardas; e quando o mar agitado impedia a saída dos barcos de pesca, conta Varrão, que lhes mandava lançar peixes salgados, pão de rala cortado em pedaços, figos maduros ou passados, amendoas pisadas, sôrvas cosidas, queijo fresco e requeijão. Mas por-isto tinha elle em conta de mediocre piscinário a M. Lucullo, irmão do vencedor de Mithridates, que não tinha piscinas d'inverno, e piscinas de verão para o seu peixe.

Crasso, que foi vencedor de Spartaco, mas vencido por Orodes ainda ia mais longe no fanatismo por os peixes. Tinha predilecção particular por uma moréa, de que se apaixonara a tal ponto, que lhe deu, como daria á sua amasia, arrecadas de diamantes, e um collar de perolas. O intelligente animal vinha quando elle o chamava, e comia da sua mão. Infelizmente morreu, e a historia esqueceu-se de dizer, se foi de morte natural ou por accidente. Crasso teve grande sentimento, e se vestiu de dó. Domiciano, seu collega na *Censura*, o arguiu em pleno senado das lagrimas e lucto, que patenteavam a sua fraqueza; mas Crasso pelo contrario se jactava d'isso, como se fosse uma virtude.

Os ministros nem tiveram animo para se fallarem; foram para casa cabisbaixos, dando-se por mais demittidos—mortos para a vida publica.

Chegou finalmente a questão da venda do caminho de ferro do sul; ali sim. A opposição orthodoxa sahiu a campo; estava desafrontada de precedentes; nunca tinha vendido caminhos de ferro. O do sul, voltando á mão do governo, podia ser corrigido dos erros de traçado, que lhe tiram metade da sua importancia, e utilidade. De mais este combate não comprometia. Se o governo triumphasse, a opposição não ficava obrigada a annullar a venda, ou expropriar o caminho.—E se não triumphasse, também subindo ao poder, não se achava comprometida a não fazer aquella venda em caso algum; porque a opposição dizia que se vendia mal, mas não dizia que nunca se vendesse.

Por diversos modos se pode constituir uma opposição no parlamento. Sempre, e principalmente hoje, uma opposição censora, e não proponente, é tão intoleravel como um governo sem iniciativa. Ainda o é mais; o governo tem a lutar com as difficuldades da sua situação e de fazer o expediente dos negocios. A opposição que não traça, que não indica, que não promete, mostra que nem aspira á accitação publica, que não quer derivar a sua influencia das impressões de opinião, que não tem estudado as necessidades publicas, que não tem intuitos determinados, e que espera tudo, ou de meios reprovados pelo systema constitucional, ou das eventualidades politicas, ou de tricas obscuras, que só dão nascimento a situações doctias, e morredouras. Uma opposição assim, é o mais ingrato de todos os trabalhos, e não cremos que ninguém se possa associar a ella sem escrupulo de consciencia.

Ora a opposição orthodoxa não só guardou cuidadosamente as suas idéas; mas restringiu quanto pôde as suas censuras. Ninguém lhe ouviu nunca alludir a um abuso; denunciou um serviço irregular; apontar uma escrescencia para ser cortada; uma lacuna para ser cheia. Dissimula as necessidades publicas, ou não as sente? Em ambos os casos está abaixo da sua missão. Pescará á linha, e caçará á espera, mas não faz politica; politica digna destes tempos e digna d'este povo. A dignidade pessoal fica ao cuidado de cada um.

Opposições tem havido que lisongeiavam todas as paixões populares, que concertam programas seductores, que fazem promessas impossiveis, e que levantando-se sobre a opinião publica, formada por estes meios ardilosos, fazem do poder que escalam o uso que depois a razão governativa lhes indica, ou que as suas ruínas paixões tinham planeado desde muito tempo.

A opposição hortodoxa, evitando este regimento politico, dá provas de moralidade, mas com isso não fica sufficiente.

Ser opposição não é estar perpetuamente na recruta politica; e a tactica das assembleias deliberantes participam das innovações porque ultimamente tem passado a tactica militar. Liberdade

por os peixes. Tinha predilecção particular por uma moréa, de que se apaixonara a tal ponto, que lhe deu, como daria á sua amasia, arrecadas de diamantes, e um collar de perolas. O intelligente animal vinha quando elle o chamava, e comia da sua mão. Infelizmente morreu, e a historia esqueceu-se de dizer, se foi de morte natural ou por accidente. Crasso teve grande sentimento, e se vestiu de dó. Domiciano, seu collega na *Censura*, o arguiu em pleno senado das lagrimas e lucto, que patenteavam a sua fraqueza; mas Crasso pelo contrario se jactava d'isso, como se fosse uma virtude.

Voltmos agora a Nisida, donde nos desviámos, para esmiuçar estes costumes romanos.

Nisida serviu d'asylo a Joanna 1.ª d'Anjou, que foi primeira mulher d'André, o húngaro, e a qual teve por segundo marido a Luiz de Tarento, assassino do primeiro, como consta da pintura a fresco—*L'incoronata*—que se attribue a Giotto, e que representa o segundo casamento. Aqui mandou edificar uma casa e um castello.

Este castello resistiu ao duque de Guise, Henrique 2.º de Lorena, quarto filho de Carlos de Lorena, que tendo sido condemnado a decapitação por o parlamento de Paris, tomou parte na revolução de Masaniello, e foi rei de Nápoles por um momento. É sabido que os napolitanos enfadados dos seus galanteios o entregaram aos hespanhoes, que o conduziram para Madrid, donde não voltou á França senão em 1652.

de de movimentos, variedade de lances, agilidade e desassombramento.

O effeito que pode produzir no publico a comparação de duas entidades, governo, e opposição perde-se totalmente, se esta fór tão encolhida, tão embaraçada, tão receosa, tão ceremoniatica como o seu adversario, contra que ella por todos os modos deve arremessar a antipathia publica.

Veio o trapiche á téla parlamentar. Todos sabemos que o trapiche é velhissimo. A regeneração reconheceu-o nas conferencias politicas, no gabinete dos ministros, nos banquetes partidarios, e nas intimidades amigaveis. Calou o escandalo, consentiu-o, auctorizou-o: deu-lhe até as honras da sua familia politica.

Ora a questão do trapiche, era uma questão *Izidoro*. A opposição orthodoxa, não dá carta de opposicionista senão a quem fizer juramento, de formar de todos os ministros equal conceito a todos os respeito; e julgam um attentado não fazer contra elles outro ataque que não seja o de frente; mas ella, essa opposição, julgava muito brioso, e muito regular, deixar enterrar nas lamas de Setubal, não o presidente do conselho, mas o Marquez de Loulé, abstando-se de figurar nesta suja obra, e reservando-se festejar com o sr. Avila o resultado do engenhoso maleficio que tinha urdido, e decidirem depois juntos dos destinos da patria.

E era logico e não era inconstitucional que assim succedesse. O trapiche era alguma questão politica? Com que fundamento se lhe havia applicar a doutrina da responsabilidade ministerial? Os collegas do sr. Marquez de Loulé disfructavam alguma parte das rendas daquella administração? Tinham concorrido por algum acto publico para que ella se conservasse nas mãos do actual possuidor? O pensamento do governo podia ser ferido levemente sequer pelo voto da camara em semelhante assumpto?

Não. O sr. Avila ficará herdeiro presumptivo do sr. Marquez de Loulé; não herdeiro do trapiche setubalense, mas do trapiche politico, que a opposição com todo o direito lhe cobigava.

O sr. Marquez de Loulé está sujeito a todos os effeitos de solidariedade ministerial; e não pretendemos fazer excepção desta regra a favor de quem quer que seja.

Mas o trapiche não punha a questão do poder, nos seus termos normaes, nem a elevava á altura dos principios. Relaxando-os como de feito os relaxava, permitia a cada homem publico, e a cada parcialidade parlamentar decidir-se, não pelas suas sympathias pessoas, mas pelas suas previsões politicas.

A opposição orthodoxa propunha a opção entre o sr. Avila, e o sr. Marquez de Loulé; e ousamos afirmar que dada esta hypothese a preferencia de toda a gente progressista, qualquer que seja a sua origem, e *nance* seria pelo ultimo dos contendores. Empregamos esta palavra, porque não creamos o facto.

O castello de Joanna de Nápoles era situado no ponto culminante da ilha.

Nisida, coberta de vinhas e oliveiras, tem uma pequena população, que se ufana de contar entre os seus filhos um rival dos *Brunes*, e dos *Fosses*—os grandes salvadores de Ruão e Beaucuire.

Chama-se Antonio Billota. N'uma horrorosa tempestade, arriscando a vida, salvou cinco marinheiros, cuja barca—sua unica fortuna—tinha sossobrado: e recebeu a medalha do Merito civil, tendo recusado qualquer recompensa pecuniaria.

Entre Nisida e a ponta do Pausilippo está um ilheu onde o duque d'Alba estabeleceu um lazareto em 1624 depois da peste de Messina.

Se reparassem as arcadas e pilastras daquellas duas moles antigas, Nisida seria hoje um modelo dos *ports à jour*, que os antigos construíam, e serviria de ponto de comparação para os *ports de molhe continuo*, que os modernos constroem.

A estrada onde parámos para lançar os olhos sobre Nisida vae continuando entre a costa e o monte Ollibano, ou Allibano, que derivou o nome da cidade d'Alliba, ou—o que é mais provavel—lh'o deu, attendendo que o monte já existia antes da cidade. As pequenas e lindas moedas de prata d'Alliba representam o typo do Apollo de Cumas, e tem allusão aos amores de Glauco e Scylla, divindades symbolicas da vida e morte.

(Continúa.)

FOLHETIM

NAPOLES E AS SUAS PROVINCIAS

POR
ALEXANDRE DUMAS.

DE NAPOLES PARA CUMAS.
(Continuação do n.º 25)

No meado do 7.º seculo antes de Christo um tal Sergio, que era cognominado *Orata*, (dourada) assim como ao depois Licinio foi cognominado *Murena*, (moréa) se lembrou de criar viveiros d'ostras na sua villa de Baia. Murena excedeu o seu predecessor, e teve piscinas para toda a qualidade de peixe. De Brindes é que vinham as melhores ostras; criadas no lago Averno conservavam o sabor primitivo, ao passo que as que se criavam no lago Lucrino adquiriam um novo sabor. Foi Licinio que teve a lembrança de despertar ás ostras o appetite, quando as transportavam de longe para o lago Lucrino, com o fim de que sendo lançadas n'agua, recebessem mais facilmente o gosto saboroso que lhes communicava o lago.

O-edil Hirrio foi o primeiro que classificou os peixes nos seus viveiros; tinha uma piscina particular para as moreas, e ainda que a sua *villa* era pequena em comparação das de Lucullo, Apicio, Hortensio e Sergio, comtudo proveu os banquetes que Cesar deu ao povo na occasião dos

Eis-aqui o que foi a questão do trapiche; uma debilidade da opposição; um expediente pouco decoroso, e uma giria ainda menos delicada para trazer a governação do estado a principios e a intuitos, que a opposição extra-parlamentar não quer por modo algum animar. E nesta trama não se attentava contra os principios constitucionaes, de que os orthodoxos se mostram tão zelosos, e se hostilizava o ministerio na pessoa de um só ministro.

Para furtar a opposição a estas pequenas inspirações para lhe levantar o espirito, para a deshabituar de calculos mesquinhos, para lhe dar fé na doutrina, e confiança no futuro, é que se tentou reconstruila.

A opposição orthodoxa com as maximas que já lhe formam o caracter, carece de tudo, para cumprir a sua missão, menos de publicistas de merecimento que abundam nelle. E' de crer que este nosso trabalho a elle mesmo preste, porque como muito bem diz a *Revolução, opusado é impossível, e o rio abriu novo leito.*

E não é pena ver homens de valia, entretidos num jogo verdadeiramente infantil — que tal é o trabalho da opposição como elle se faz actualmente! Lembra ás vezes uma caçada de principiantes no exercicio venatorio. Afadigan-se os mancebos correndo montes e valles. O som dos tiros restruge nos ares. A cada pontaria auguram um exito feliz. Desvanecido o fumo da descarga, olham avidamente para o lugar onde esperavam ir colher um trophé e acham-lhe o poiso. E ha passado o bregeiro, que parece arredar-se muito de seu vagar do sitio, onde destinavam victimal-o, e vae para as immedições mo-far do caçador com gorgeios provocantes.

O similé é mais bem cabido do que se pensa. Pois o sr. Carlos Bento vale mais do que um tentilhão?

O que tem de má a opposição que se tenta crear, é que porventura não será só contra o ministerio actual; mas tudo isso é para futuros remotos. Gente aguerrida nestas lides não deve dar razão para que se lhe applique o que se conta dos egos de Lisboa d'outro tempo. Apenas ouviam rodar as seges começavam a gritar que lhe acudissem. Demais esta opposição não calca ninguém, e anda pelo seu pé.

Os Paturots de *raça pura* não defendem, compromettem o sr. governador civil. Como amigos ou como defensores não tem s. ex.ª a esperar delles senão desserviços.

Amigos aconselham mal, e pedem muito; defensores desempenham tão miseravelmente a sua tarefa, que começamos a desconfiar que ande nisto proposito, e que tão maus conselhos, e tão ruins serviços tem por fim servir a quem em prejuizo de s. ex.ª, que não sabe conhecê-los.

Querer tirar partido do silencio de quem não podia fallar, querer que um jornal que tem de existencia tres mezes accusasse ha um anno, não pode ser boa fé, é seguramente uma provocação para que façamos agora o que fariamos ha mais tempo, se ha mais tempo tivéssemos um jornal, que advogasse os interesses da localidade.

Infelizmente para o districto a administração de s. ex.ª tem dado tanto assumpto para reparas e censuras, que se a nossa vida jornalística começasse com ella, logo nos primeiros numeros teriamos motivo para censurar.

Pois não foi no começo da administração de s. ex.ª que se concedeu passaporte a um individuo em processo por crime d'estupro, sendo o crime acompanhado de circumstancias tão aggravantes e commettido tão perto d'Aveiro, que por muito estranho que s. ex.ª seja aos negocios do districto não podia ignoralo.

E as nomeações que se fizeram, conhecendo-se as qualidades dos nomeados, despresando-se as informações de pessoas competentes, as provas de documentos existentes na secretaria, só para obedecer a exigencias que s. ex.ª não sabe desatender?

E as eleições, e a demissão, por causa, e na occasião dellas, de um dos mais probos e mais intelligentes magistrados administrativos do districto?

Não carecíamos d'esperar um anno para ter que censurar, nem foi só depois d'um anno que censurámos, mas ainda que assim fora, nem por isso perdemos força os reparos e censuras que fazemos agora.

E porque não aproveitaremos nós o argumento para provar que a administração do sr. Basilio Teixeira tem sido tão descuidada, que só no fim d'um anno poderam descobrir motivo para louvor, nos *numerosos trabalhos* de s. ex.ª acerca da administração de bens das confrarias e irmandades do districto?

E haverá talvez quem duvide destes *numerosos trabalhos*, nós queremos crer cegamente na revelação serodea que se faz, mas parece-nos que nem assim se pode desculpar o abandono d'outros ramos do serviço.

Do que nós nos queixamos, é de não constar, a quem deve saber-o da má administração municipal que por ali vae pelo districto, e para que constasse é que queriamos que o sr. governador civil dando algumas treguas aos seus numerosos trabalhos, acerca da administração dos bens das confrarias e irmandades, fizesse uma visita ao districto.

Faça-a, e s. ex.ª saberá que ha camaras municipais que deixam passar mezes sem cumprir o disposto no art. 96 do cod. adm.º, outras que não fiscalizam como devem os rendimentos do municipio, e que em quasi todas ha irregularidade de escripturação.

Faça-a, e conhecerá se as accusações feitas a alguns administradores são verdadeiras, se elles merecem a continuação da confiança de s. ex.ª, ou se deve retirar-l'ha.

O proceder do sr. Mendes Leite não pode servir de razão para conservar, assim como não tem servido para não demittir. O sr. Mendes Leite pode ter errado, e os erros devem ser corrigidos. Faça-a, estude as necessidades das localidades procure-lhe o remedio, e junto aos seus numerosos trabalhos acerca da administração dos bens das confrarias e irmandades os seus importantes trabalhos acerca das necessidades do districto d'Aveiro e o modo de remedial-os.

Faça-a e de-nos uma amostra do seu tacto administrativo e verá como nós somos os primeiros a dar-lhe louvores tão sinceros como são sinceras as censuras que agora lhe fazemos.

Temos até aqui sustentado as nossas ideias, e combatido as do nosso illustrado collega do *Bem Publico*, sem contumacia nem agastamento, é verdade, porem com a franqueza e energia que resultam d'uma convicção sincera. Engana-se pois aquelle jornal quando julga que nos condemnamos ao silencio, convencidos de que foram menos justas as arguições que lhe fizemos.

Nós nem sequer sabemos a que chama arguições, porque controverter ideias não é arguir, e nós temos a consciencia de não ter feito outra cousa.

É possível que considere arguição o juizo errado que formamos a seu respeito, incluindo-o no numero dos órgãos adversos á politica liberal e á dynastia reinante. Nesse caso, tem razão, e nós reconhecemos injusta a arguição. Não a tinhamos, como tal, mas visto que assim a consideramos, aceitamos com muito prazer o desmentido, porque é prova que milita em outro campo. Congratulamo-nos até com isso.

Mas como se explica a sua pergunta a respeito do que é a *politica liberal* — cremos que se não refere ao jornal que tem este nome — e o juizo que parece formar d'ella? Não sabemos. Em qualquer caso, contamos com a sua filiação no gremio liberal. Lisongeamo-nos de o ter por correligionario, e apreciamos em muito o concurso da sua intelligencia e saber nesta crusada de civilização e progresso em que nos achamos empenhados.

Antes, porem, de largar este assumpto, permitta-nos que tambem pela nossa parte nos queixemos de ter julgado que o quizemos denunciar aos nossos leitores como inimigo. Tão avesso como mostra ser a arguições injustas, e a juizos temerarios, não devia cair neste. Hade concordar.

Não sabemos ainda se o nosso cortez adversario, quando fallou em arguições injustas quiz referir-se ao que dissemos com relação á sua intolerancia. Se quis, perdoo-nos, mas é menos rasoavel. Pois não disse que ella era um direito seu?

Nós concordamos em que neste ponto a questão deve acabar. É o unico meio de a resolvermos, a contento d'ambas as partes. O contemporaneo quer ter a liberdade de expor as suas opiniões, mas quando lhe pedem essa mesma liberdade para os outros, argumenta-nos que elles podem errar. Nós entendemos que todos podem igualmente errar, e que só do choque das opiniões oppostas resulta a luz que illumina, e a verdade que deve ser o fito de todas as discussões. Não podemos entender-nos. Não lhe parece?

O contemporaneo impõe-nos, porem, a obrigação de lhe respondermos a uma pergunta. Vamos tentar satisfazel-o.

«Admitte o contemporaneo, (diz no seu artigo) que o *Bem Publico* tenha o mesmo direito para dizer que a castidade conjugal é uma verdade religiosa e social, como o tem o mormon para afirmar que o amor livre é que é essa verdade? que tanto pode o *Bem Publico* dizer que roubar e matar é um crime contra Deus e contra a sociedade, como dizer Diogo Alves que roubar e matar é licito sempre que seja util? Se diz que *sim*, condemna o discurso do sr. José Estevão, que foi até fanatico contra as irmãs da caridade e os lazaristas: se diz que *não* destroe pela raiz a sua argumentação e mostra que não basta a sinceridade dos seus receios para lhes dar um fundamento racional.»

Supponmos o nosso adversario muito habil para ter escripto inadvertidamente um tal sofisma. Hade, portanto, conceder-nos que lhe respondamos no mesmo tom. Se dissemos *sim*, é claro que são livres todas as opiniões, e que portanto não devem ser condemnadas as do sr. deputado José Estevão, que, por más que sejam, não podem ser peiores do que as do mormon ou do Diogo Alves; se dissemos *não*, estão justificados os nossos receios, e estabelecido o principio da intolerancia. *Cujus est haec oratio? Cicerois.*

O *Bem Publico*, no seu modo de ver as cousas, quer que houvesse fanatismo no sr. José Estevão em fallar contra a introdução das irmãs da caridade em Portugal, e não admite que o houvesse, nem sequer intolerancia (bem vê que começamos a perceber a distincção) no ardimento com que o collega censura as opiniões do illustre deputado! Que lhe havemos de fazer? Ninguém vê o argueiro no seu olho...

Insiste em appellar o discurso em questão de heretico e heterodoxo, e agora pergunta-nos se dissemos sinceramente que a lei auctorizava o sr. José Estevão a pronuncial-o. A resposta é facil. Auctorisa a lei o deputado a emittir livremente as suas opiniões, no parlamento? E' incontestavel. Offendeu-se, porem, nesse discurso, o decoro, a moral publica, a religião ou a santidade das leis, unicos casos em que existem restricções áquella liberdade? O *Bem Publico* diz que se offendeu a igreja, e por conseguinte a religião.

Aqui está uma arguição que pode ser justa, mas que ainda não está provada, e despeito de todos os esforços do nosso engenhoso e arguto contendedor. Não se espante elle de que o digamos, porque vamos provar-lhe que foi deveras, e muito

convencidos do que diziamos que perguntámos onde estava no alludido discurso o erro condemnado pela igreja.

O contemporaneo, querendo provar-nos a existencia desse erro, observou-nos:

«Imputou ás irmãs da caridade ser a sua associação fundada na hypocrisia. Este erro a igreja condemnou-o em Wicief.»

Acabamos de reler o notavel discurso, sobre que discutimos, e não deparamos nelle uma unica phrase que dissesse, nem implicitamente, que a associação das irmãs da caridade era fundada na hypocrisia. O que lá encontramos são palavras de respeito e veneração pelos fins caritativos do instituto. Podíamos portanto contentar-nos com contentar por negação. Não o faremos. Como aqui é a base da nossa questão, queremos levar á evidencia a injusticia com que se argue. Vamos até conceder que, sempre pelo systema das illações, lá estejam as palavras citadas, ou o sentido dellas.

Wicief foi condemnado tres vezes, que nós sabemos: a primeira em Londres, em 1382, por um concilio reunido pelo arcebispo de Cantorbury; a segunda, tambem em Londres, em 1410, por outro concilio convocado por Thomaz d'Arundel; e a terceira pelo concilio de Constancia conjuntamente com João Huss.

Consta que elle accusasse d'hypocrisia as irmãs da caridade em alguma das vinte e tres (outros dizem que vinte e quatro) proposições, que depois de morto, lhe valeram (admiravel exemplo da tolerancia religiosa!) a exumação do seu cadaver, e o queimamento delle pelo corrasco?

Não consta. O que diz a historia é que essas proposições convencidas d'heresia atacavam a eucharistia, a presença real de Jesus Christo neste sacramento, o sacrificio da missa e a necessidade da confissão.

Mas façamos todas as concessões. Concedamos ainda que haja na doutrina de Wicief alguma outra proposição, que não chegasse ao nosso conhecimento. Não vê o nosso estimavel collega que ha então um notavel anachronismo? Pois ignora (não de certo) que as irmãs da caridade foram instituidas por S. Vicente de Paulo com o auxilio de M.º le Gras, em 1634, isto é muito depois que Wicief foi condemnado? Como podia este celebre heretico proclamar contra as irmãs da caridade, se ellas só existiram quasi tres seculos depois delle? E' claro que não pode ser, e portanto que por este lado não está respondida a nossa pergunta.

Mas o *Bem Publico* tenta ainda responder-lhe d'outro modo. Diz mais:

«Accusou-as (as irmãs da caridade) de prejudiciaes ao estado pelo voto de obediencia, e de serem um ataque ao principio da familia: erros condemnados pela igreja nos sectarios do protestantismo; e pelo bom senso nos revolucionarios.»

No discurso não se diz que a instituição é prejudicial ao estado pelo voto de obediencia. Que é prejudicial ao estado, sim; mas que o seja pelo voto de obediencia, não. Pelo menos os nossos olhos não deparam la com a phrase assim concebida.

Não nos deteremos, a examinar o que o bom senso condemna, nem o que os revolucionarios pensam da necessidade da obediencia. O nosso fito é averiguar se effectivamente foram condemnados pela igreja, nos sectarios do protestantismo, as proposições que se arguem ao sr. José Estevão.

Em primeiro lugar, a que sectarios do protestantismo se refere o contemporaneo? Aos lutheranos, aos calvinistas, aos anglicanos, ou a alguma das seitas originadas destas? Bem sabe que em bons theologos, canonistas, e historiadores, se estabeleceu o uso de chamar indifferentemente protestantes a todos esses filhos da pretendida reforma.

Ora desde que que Luthero foi condemnado pela 1.ª vez em 1520 por Leão X, não nos consta que haja na doutrina de nenhuma dessas tres seitas, nem entre as proposições condemnadas no concilio de Trento, que terminou em 1563, o erro apontado — ou cousa semelhante, porque a respeito das irmãs da caridade já dissemos que não pode ser, sendo a sua instituição de data muito posterior.

Portanto sem que o contemporaneo se digne responder á nossa pergunta, não podemos passar daqui, não comportando mais lata explanação da materia as restrictas proporções de um artigo de jornal.

Quereríamos poder pedir-lhe tambem que nos dissesse alguma cousa com relação aos outros erros condemnados, que diz deixar no escuro. Desejavamos ver se eram menos controversos; todavia como se viessem á tella da discussão, a alongariam de forma que tornariamos esta amigavel polemica enfadonha aos leitores dos dous jornaes, poremos termo ao desejo. Alem disso — bem o sabe — seria obrigo-l-o a conceder ao discurso, e ao seu auctor uma importancia... que não merece. Basta a *muita* que já lhe tem dado, protestando sempre que lh'a não quer dar!...

O *Bem Publico* parece-nos que já não sustenta com a mesma energia a heresia que primeiro notou na phrase «sou catholico porque meus paes o eram.» No entretanto nota que a respeito dos primeiros ensinamentos religiosos que os filhos recebem dos paes, confundissemos a causa com o instrumento. A que chama causa? A graça que se recebe por meio do baptismo? Ao nascimento no gremio christão? Repare bem que em qualquer dos casos cahimos em um circulo vicioso.

Nisto como sobre a theoria do poder paterno, desejavamos terminar tambem aqui a discussão, porque desde que se não provou que houvesse heresia, estava vingado o nosso intuito. Mas o collega vem ainda pôr em confrontação com as

palavras do sr. José Estevão algumas passagens do Evangelho. Copiaremos duas:

«Não julgeis que vim trazer a paz á terra; não vim trazer-lhe paz mas espada.»

«Porque vim a separar ao homem contra seu pae e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra.»

Não lhe fazem mau effeito assim isolados estes dous versiculos, collega? Não lhe parece que se o sr. José Estevão tivesse dito o contrario d'isso, era o sr. José Estevão que pareceria a muita gente sensata e catholica ter razão?

E de feito é tão diverso o seu natural sentido d'aquelle com queahi está! Tanto como o é dos outros versiculos que se seguem; por exemplo: «o que ama o pai e a mãe mais do que a mim não é digno de mim», e o outro «segue-me, e deixa que os mortos sepultem os seus mortos». Com referencia a este ultimo traz a propria Biblia do Padre Pereira a intrepidação dos Santos Padres, citando nada menos que Santo Agostinho, S. João Chrisostomo e S. Jeronimo. Com referencia a outros de doutrina semelhante, temos presente a lucidissima explicação d'um imminente escriptor religioso. Demais, ignorará o collega a distincção feita pelos principaes exegetas christãos do que é *preceito* o do que é *conselho*?

Não ignora de certo. Mas o *Bem Publico*, que diz que o *Districto de Aveiro* faz inauditos esforços para achar uma ponta de catholicismo no discurso do sr. José Estevão, faz pela sua parte esforços inauditos para dar por heretico e heterodoxo. Queremos crer, mais uma vez o repetimos, que são sinceras as suas intenções; temos obrigação de as respeitarmos, para que nos respeitem as nossas; porem, não podemos deixar de confessar que deploramos, que a sua grande illustração se ache empenhada em tão ingrata questão. E' possível que o contemporaneo pense o mesmo a nosso respeito; deixamos todavia á sua discreção avaliar a diversidade dos fins que levamos em vista, e decidir qual dos dous é... mais meritorio — não queremos empregar outra palavra.

Pelo que nos pertence, não sabemos se é a amizade que nos cega, como o *Bem Publico* insiste em afirmar. Talvez o seja. Ninguém pôde dizer-se isempto desse dominio. Ninguém delle pôde envergonhar-se. Podemos, porem, assegurar-lhe que não é na amizade que buscamos estimullos para sustentar a questão.

Nós podíamos talvez ver por nosso turno, no discorrer do nosso illustrado collega, certa animosidade hostil, que não fica bem a rectidão das suas intenções. Escusa de pedir-nos que lhe digamos onde; dê-se ao encommodo de reler os seus artigos, e lá encontrará insinuações offensivas da reputação alheia, até naquillo que o homem tem de mais caro: o seu credito como homem e como chefe de familia. Sempre que se toca nestes delicadissimos assumptos, o contemporaneo deve saber, que se põe o pé sobre o abysmo.

O contemporaneo para levar a cabo o seu arduo empenho, ultimamente dá até como provada a reincidencia do illustre deputado nos seus erros! Bem sabe que ella lhe é necessaria para provar que houve heresia. «Todo o homem se pode illudir de boa fé, mas só quando elle resiste ás censuras da igreja, procurando fazer proselitos, se pode considerar heretico.» O contemporaneo sabe bem que é esta a opinião corrente dos theologos. Mas quem fulminou as censuras contra o sr. José Estevão? O *Bem Publico*? A *Nação* e o *Direito*? Por maior que seja a auctoridade destes jornaes, nem se quer provam que houvesse erro, havendo até muitas opiniões em contrario. A igreja ainda não fallou, e só essa é infallivel.

Antes de fechar este artigo, que vai já mais extenso do que desejavamos, responderemos ainda a sua pergunta: «o amor de um homem tem no juiz protecção contra o egoismo ou o capricho do pae, e qual é a protecção do amor de Deus, contra elles?»

Responderemos: A lei que suppre em determinadas circumstancias o consentimento paterno quando a filha quer casar contra a vontade de seu pae, não impede que a filha siga a sua vocação religiosa, qualquer que seja a opinião que a esse respeito tenham seus paes. Ainda mais. As leis canonicas ordenam que os bispos, ao conhecimento dos quaes chegar que alguma donzella maior de 12 annos deseja seguir a vida monastica, a inquire sem detenção, e, conhecendo que a sua vontade é *pia ac libera*, lhe forneça os meios de a cumprir independentemente do consentimento de seus parentes ou affins. (CONC. TRID. Sess. XXV, cap. 17, DEC. CARD. 7.) Isto é claro e responde cabalmente á pergunta, se nos não enganamos.

Fomos logo direitos á hypothese, porque desejavamos provar ao nosso illustrado adversario que não foi, como modestamente suppe, por nos ter feito demasiada impressão o seu argumento que deixamos de responder-lhe da primeira vez. Foi antes para se nos figurar de menos importancia para o ponto controvertido, e para encurtar escripta, o que, pela mesma razão, temos sido obrigados a praticar com alguns outros.

Fique o *Bem Publico* nessa certeza. A. P.

Publicamos hoje a circular que a commissão portugueza, encarregada da remessa dos productos para a exposição universal de Londres para 1862, se dignou enviarnos, assim como o programma, pelo qual se devem regular os expositores.

Illm.º Sr. Remetto a v. um exemplar do programma desta secção, para que, se for possível, se digne publical-o no jornal que dignamente redige.

O auxilio da imprensa periodica é, de certo, um dos meios mais efficientes para incitar os nos

aos lavradores e proprietários a concorrerem á grande revista das forças productivas das nações, que vae celebrar-se em Londres; e de certo v. não se negará a prestar-lhe a sua dedicação, que tanto distingue o jornalismo portuguez, sempre que se trata dos grandes interesses publicos.

Os expositores lucram individualmente, concorrendo a Londres, pelos premios que podem obter, e pela maior procura dos seus generos, que podem alcançar: mas o paiz, tomado como corpo politico, tambem tem um alto interesse em ser bem representado, não só como questão de capricho e pundonor nacional, mas ainda como occasião, a mais opportuna, aos povos reunidos, até onde chegam os recursos da sua productividade, em geral mal avaliados.

Hoje que se opera um grande movimento de reconstrução nas nacionalidades, torna-se indispensavel que não percamos tão propicia occasião, para mostrar o fundo de riqueza propria, que temos dentro das nossas fronteiras, e a vastidão dos recursos, que nos assegure uma bem fundada autonomia. Todas as industrias devem pois ter um vivo interesse em levar a Londres os productos do seu esforço, mas a agricultura, que é a principal, deve particularmente empenhar-se em abrir perante a Europa os thesouros inexgotaveis das suas riquezas.

Estas considerações são, de certo, obvias ao espirito esclarecido de v. e tomarão novo vigor e mais alta importancia, se merecerem o favor especial de serem desenvolvidas e expostas pela habil penna de v.

O programma incluso comprehende grande numero de esclarecimentos indispensaveis aos expositores, mas como é possível que elles não sejam sufficientes, v. faria, de certo, um bom serviço a esta secção, se quizesse explicar e ampliar tudo que julgasse obscuro. E a este respeito cumpre-me chamar especialmente a attenção de v. para alguns pontos.

Em primeiro lugar, a enumeração dos objectos a enviar á exposição não julga a secção que seja completa, e por isso convém que o bom senso dos expositores e das commissões filiaes supram as omissões, que ali se dão.

Por outro lado, tambem não será ocioso notar que as quantidades indicadas para cada producto constituem quasi sempre um minimo, ou, pelo menos, uma média, sendo mesmo conveniente que dos objectos facilmente deterioraveis sejam enviadas quantidades superiores ás que se pedem.

Não façam tambem duvida os meios de acondicionamento apontados que ali estão postos como os que melhores pareceram, mas que podem ser substituidos por outros quaesquer mais accessiveis ao expositor, uma vez que não soffra a qualidade do producto.

Por ultimo esta secção ainda se atreve a lembrar a conveniencia de noticiar que, segundo informações enviadas de Londres, serão admittidos na exposição os vinhos de produção anterior a 1851, o que de certo dará grande vantagem aos cultores deste importantissimo ramo da industria agricola.

A secção desde já agradece antecipadamente todos os bons officios que v. se dignar empregar em favor da causa, em que está empenhada, reservando-se para posteriormente o fazer mais especialmente.

Deus, guarde a v. Sala das sessões da secção da industria agricola, no ministerio das obras publicas, em 5 de agosto de 1861. — Ilm.º sr. redactor do jornal — o Districto d'Aveiro. — O vice presidente. — G. J. Braamcamp.

PROGRAMMA

Sessão da industria agricola

AOS EXPOSITORES PORTUGUEZES.

Está designado o dia 1 de maio de 1862 para se abrir a exposição universal de Londres. Todos os povos industriaes foram convidados para concorrer a esta grande solemnidade internacional. O governo aceitando o convite comprehendeu o seu dever; o paiz deve comprehender o seu, acudindo briosamente a tão pundonoroso chamamento.

Com esta intuição o governo, per decreto de 10 de Abril de 1861, creou uma commissão presidida por El-Rei o sr. D. Fernando, protector generoso, amigo sincero e provado das artes, das industrias e de todas as cousas que podem engrandecer e afortunar os portuguezes.

A grande commissão foi dividida em cinco secções; e a primeira dellas, encarregada de promover a collecção dos productos agricolas, tem a honra de se dirigir por este meio a todos os proprietários e agricultores do paiz, para lhes despertar a sua attenção sobre tão importante assumpto.

Se fosse menos conhecida a historia das exposições, e esta secção entendesse que não podia eximir-se de a referir, não iria por certo a terra de estranhos buscar a idéa d'estas festas industriaes: pois que, nos fins do seculo passado, foram ellas instituidas pelo venerando arcebispo da sé primaz, D. Frei Caetano Brandão, e solemnizadas na cidade de Braga pelas corporações dos mesteres, regularmente organisadas por aquelle virtuoso e eximio prelado.

Prestada esta homenagem á honra racional, nem por isso fica menos respeitavel a memoria d'aquelles que desde então, nos diversos paizes, estabeleceram, animaram e protegeram estes novos arraiaes do trabalho, que vemos hoje transformados em verdadeiras instituições.

Injusto fóra que, a par d'estas considerações, se não memorassem os prestantes serviços feitos pela sociedade real de agricultura da Inglaterra, a quem se deve a applicação d'esta fecunda idéa

aos concursos ou exposições especiaes dos productos agricolas. Elaborado o pensamento no famoso club de Smithfield, e dado á luz no dia 11 de Dezembro de 1837, sob a fórma de um eloquente discurso que lord Spencer pronunciou, e que foi energicamente apoiado pelo duque de Reclimont, atravessando a curta infancia de tres annos, já em 1840 havia assumido as amplas proporções de uma instituição nacional, robustecida por todas as condições da mais esperanças virilidade.

Para traçar as feições principaes da sociedade real de agricultura da Inglaterra, com relação ás exposições agricolas, seja-nos permitido transcrever as palavras do distincto agronomo Trehonnais.

«A sociedade real, como todas as outras instituições puramente scientificas ou artistas da Inglaterra, é toda independente do governo, sendo comtudo uma instituição eminentemente nacional e ligada, na sua existencia, pelos mais estreitos vinculos, ao bem estar e á prosperidade do povo. A sua influencia não se exerce sómente na Inglaterra, estende-se ao mundo inteiro. Os governos estrangeiros esclarecem-se com as suas luzes por intermedio de seus embaixadores; e os ministros das colonias, e dos negocios estrangeiros do governo inglez, julgam-se obrigados a communicar-lhe todos os factos interessantes, como o descobrimento de jazigos estrumes, aclimação de plantas novas e de animaes uteis, de que o corpo diplomatico lhes dá conhecimento.

«Mas é sobretudo nos concursos annuaes, que a sociedade real é verdadeiramente nacional; então é que ella ostenta o seu poder e a sua grandeza. Cada concurso é um acontecimento que dá brado em todo o imperio britannico; os preparativos que para elle se fazem antecipam-se por mais de um anno; as cidades, que ainda não tiveram a honra de celebrar dentro do seu recinto estas esplendidas solemnidades, disputam-na, enviando á porfia as suas deputações perante o conselho da sociedade, corroborando taes pretensões com a demonstração das vantagens das suas respectivas localidades, e com a liberalidade dos subsidios que oferecem.»

A sociedade real celebrou o seu primeiro concurso agricola na cidade de Oxford em 1839, e nos annos consequentes em outras diversas cidades do Reino Unido.

A comparação resumida, que em seguida se vê, dos resultados obtidos na primeira exposição, e nas que posteriormente se fizeram, manifesta a alta importancia desta instituição.

Annos	Localidades	Numero de machos expostos	Num. dos machos expostos	Sommas fornecidas pelas cidades — Francos	Receita dos visit. — Francos	Num. dos socios
1839	Oxford.	23	350	—	30.000	2.127
1849	Norwich	1.882	794	25.000	54.000	5.512
1858	Chester.	3.288	1.444	45.000	154.000	5.223

O impulso dado n'este sentido pela sociedade real communicou-se a todas as nações cultas; cujos factos attestam com a maior authenticidade a poderosa influencia das exposições sobre todas as condições do progresso agricola.

Ainda não ha muito que mr. Rouher, ministro da agricultura em França, relatando os melhoramentos da industria agricola nos ultimos dez annos, a contar de 1848, asseverou que a produção frumentaria do imperio francez havia augmentado de 1/3 por heceter, attribuindo quasi exclusivamente ás exposições agricolas esta significativa vantagem.

Os factos que ficam compendiosos trazem consigo a prova irrecusavel de que as exposições, comquanto hajam diffundido a luz do progresso em todas as zonas da esphera industrial, têm comtudo feito condensar sobre os productos e instrumentos do trabalho agricola os mais brilhantes reflexos da sua prodigiosa influencia. E não podia ser de outro modo, porque, sendo a agricultura a principal das industrias, é simultaneamente o tronco genealogico de todas ellas.

Mas cumpre observar que as exposições, sem todavia perderem a sua primitiva significação, têm, como todas as cousas humanas, soffrido uma rapida transformação, amplificando as suas funções e especializando os seus variados intuitos.

Assim vemos nós que, na sua infancia, os programmas não convidavam á arena dos contendores senão os que se assignallem pelo primor de suas obras ou pela originalidade de suas invenções. Era portanto aos atrevimentos do engenheiro e ás inspirações do talento artistico que se liberalisavam os premios e as distincções. Porém não tardou a oppor-se a este culto, exclusivamente prestado ao bello ideal, o dogma da ciencia economica, que na sua mais simples formula prescreve, que o trabalho mais productivo é o que satisfaz as primeiras necessidades da vida, e que é a essa applicação da actividade humana que se devem as maiores honras e as maiores distincções.

Vê-se pois que ao grande quadro das exposições são hoje convidados os grandes e os pequenos industriaes, os que lisonjeiam os caprichos do fausto e do luxo, e os que satisfazem as exigencias de todos os consumidores, desde os mais opulentos até aos mais desfavorecidos da fortuna.

Podem e devem portanto os nossos proprietários e agricultores concorrer á grande exposição internacional de Landres, sem receio de que os seus productos sejam ali desconsiderados; porque, se elles se não distinguirem por uma circumstancia, podem avantajar-se por outra. Mais de uma vez têm sido premiados os productos

mais communs e vulgares, por serem extremamente baratos, e poderem por este motivo satisfazer as necessidades das classes menos abastadas, que são as mais numerosas.

Se estas razões bastam para resolver os nossos proprietários e agricultores a exhibir os seus productos, outras de maior alcance instam para que elles acudam pressurosos ao convite que se lhes faz, ajuda menos por attenção aos proprios interesses do que em nome do pundonor e dos brios nacionaes.

As nações do mundo civilizado não de comparecer todas naquella grande solemnidade; e qual será o portuguez que fique indifferente, quando se trata de um assumpto a que está ligada a honra e a dignidade da nação?

No passado temos uma historia de que devemos ufanarnos. Mas as glorias de outro tempo não poderam salvar-nos da grande desconsideração que teremos de soffrir, se, possuidos de criminosa indolencia, não testemunharmos a extensão dos nossos recursos representados pela variedade, pela abundancia e pela excellencia das nossas produções ruraes.

Portugal não deve ceder a paiz algum a supremacia agricola com que a natureza o dotou. Estamos, é verdade, atrazados nos processos da cultivação. Mas sobejam-nos as condições de successivos melhoramentos, que podem elevar a nossa riqueza territorial a uma grandeza incalculavel.

É sobretudo para rectificar as mais inexactas asserções que a nosso respeito vogam impressas nos livros estrangeiros, que nós todos devemos unir os nossos esforços, e não deixar correr á revelia a nossa causa, e muito mais que para a sustentar dignamente não se exigem sacrificios.

Os vogaes da secção da industria agricola, abaixo assignados, nutrem a mais viva esperança de que este brado, que ella levanta, soará no coração de todos os portuguezes.

(Continúa)

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DA MARINHA E UTRAMAR

D. Pedro, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Art. 1.º E' o governo autorisado a applicar á provincia d'Angola, no proximo anno economico, um subsidio extraordinario até á somma de 150.000\$000 réis.

Art. 2.º O governo dará conta ás cortes do uso que fizer desta authorisação.

Mandamos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e guardem e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço das Necessidades, aos 22 de agosto de 1861.—El-rei, com rubrica e guarda.—Carlos B. n.º da Silva.—Logar do sello grande das armas reaes.

Carta de lei, etc.

NOTICIARIO

Locomotiva.—Começa hoje a correr entre Canellas e Ovar a locomotiva que ultimamente ali desembarcou com tanto custo.

Consta-nos que do Porto vem muitas pessoas convidadas pelo digno engenheiro o sr. Calderon assistir á inauguração daquella linha.

Nós tivemos igualmente a honra de receber um convite, que motivos imperiosos nos obrigaram a não aceitar.

Conta-se que por estes oito dias deverão ficar assentes os carris até á estação d'Ovar, o que dará 13 kilometros de via ferrea assente. Os engenheiros os srs. Calderon e Santa Maria, são d'uma actividade incansavel no vigoroso impulso que dão aos trabalhos.

Theatro.—Tem havido recitas no theatro improvisado do Rocio. A companhia nem sempre tem merecido a benevolencia do publico que tem sido escasso na concorrência.

Na recita de 4.ª feira em que subio á sceno o antigo mas sempre applaudido drama — *A Letora* — a concorrência foi tão pequena que o espectáculo teria de ser addido por não compensar as despesas se o sr. Valerio e a sua orchestra não tivessem a philanthropia de se prestarem a tocar gratuitamente.

Hontem houve nova recita com o *Pedro Sem*. A concorrência foi um pouco mais crescida.

A campanha pensamos que se retira, e faz bem, porque nem tem casa, nem é agora o tempo mais asado para fazer fortuna, visto acharem-se a banhos muitas familias da cidade.

Vindimas.—Estão-se fazendo com grande actividade, diz o «Viriato», havendo mais vinho do que se esperava.

A sua qualidade é magnifica, e se não é superior ao da colheita de 1834 pelo menos é tão boa. Já se acha nesta cidade o sr. Montes, agente da companhia que se propõe fazer compras em grande escala logo que os vinhos estejam em prova.

Segundo nos informam, em alguns sitios já pagam o vinho á bica a 2\$000 e 2\$200 rs. o almude, que corresponde a 42 e 46\$000 rs. a pipa, mas alguns lavradores não têm accedido a esse preço, na esperança de o obterem maior em fevereiro e março.

Os vinhos brancos são muito procurados, e os geniuos deverão alcançar altos preços.

1.º de dezembro.—No Rio de Janeiro installou-se uma nova sociedade denominada —

Portuguesa 1.º de dezembro, com o fim de comemorar o anniversario da restauração de Portugal de 1640.

Consta que tencionão cotizar-se a fim de ver se conseguem mandar construir um navio de guerra e offertal-o a S. M. El-rei o Sr. D. Pedro V. Falla-se em ser uma fragata a vapor. A idéa não é nova, veremos contudo se se realisará.

Tambem parece que a dimissão do consul entrará no programma dos festejos, por que o navio em questão só será offertado quando deixar de ser consul no Brazil o barão de Moreira.

Declaração.—O Nacional declarou hontem, que a propriedade deste jornal, tornara a passar para o seu antigo proprietario, o sr. Joaquim Gonçalves Basto, sem que todavia se altere o seu programma politico, que continuará a ser seguido pela mesma fórma.

Grande peixe.—Diz o Nacional, que hontem de madrugada apparecera na praia da Boa Nova, proximo a Leça da Palmeira, um peixe que o mar lançou por terra, e que tinha de comprimento quatro metros e cincoenta centimetros, e de grossura um metro e doze centimetros.

Residencia.—Diz-se que o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcelos deixa Paris, e vem residir para Portugal.

Hospital provisório.—Vae estabelecer-se interinamente na casa da quinta das Agoas Ferreas, propriedade do fallecido visconde de Veiros, o hospital militar, que até agora se achava situado no largo de S. João Novo.

Diz-se que o commissario do governo, de harmonia com os srs. facultativos dos corpos e engenheiro militar Maciel, escolhe para local do hospital em projecto o sitio que medeia entre a rua das Ballas e a rua da Boavista.

Feira de Famalicão.—Apesar de desfavorecida pelo tempo, esteve muito concorrida de povo a feira de S. Miguel em Villa Nova de Famalicão.

O movimento de transacções não foi na mesma razão. Parece que a transacção de mais valor que lá se deu foi a da compra de alguns cavallos para a Companhia Viação Portuense.

Houve banca, e é para estranhar que n'ella occupasse o primeiro lugar um deputado da nação!

Naufragios.—Na sexta-feira quando entrava a barra de Caminha o hiate *S. Jorge*, propriedade dos srs. Ruas & Irmão vindo de Lisboa com carregamento de sal e fazendas da praça, des governou em frente do castello da Insua e foi encalhar no sitio, denominado das Temerosas.

O barco não pôde safar-se n'aquella maré. Apesar dos socorros mandados de terra pelos proprietários e dos esforços da tripulação, o navio abriu pelo fundo na manhã do dia 28, salvando-se apenas parte dosapparehos e carga da praça com algumas avarias.

Mais irmãs da caridade.—Do *Transitano* de 28: Na quinta feira, 26 do corrente, vieram, na mala-posta de Badajoz, com direcção a Lisboa, mais duas irmãs de caridade hespanholas.

Segundo o costume, os gurdas do contracto e d'alfandega, passaram revista ás bagagens, e entre a daquellas encontraram um cesto, contendo 7 kilogrammas de bolos e 2 de chocolate, que disseram ser para seu uso. Observou se-lhes que era necessario despachar uma e outra cousa, e em seguida mandaram por um rapaz os bolos e o chocolate á alfandega, a fim de saber a importancia do despacho.

Veio o moço, dizendo que tudo custava 1\$195 reis, e de novo voltou áquella repartição, perguntando se poderiam fazer-lhes algum abatimento, porque achavam excessiva a quantia que exigiam. Respondeu-se-lhes que não era possível, porque a pauta não permitia abatimentos, e as senhoras resolveram deixar ficar os bolos e o chocolate.

Reconsideraram pouco depois, mandaram despachar, mas quando lhe apresentaram a guia, disseram que em Lisboa se queixariam da maneira como eram tractadas, obrigando-as a pagar direitos por tal insignificancia.

Achamos o facto tanto mais curioso, quanto é digno de notar-se a ameaça; porque demonstra a protecção com que contam, esquecendo que o empregado deve ser pontual no cumprimento dos seus deveres, e que não deve conhecer excepções, nem privilegios, que não venham apontados na lei.

Que pae e que mãe!—Em Inglaterra chama extraordinariamente a attenção publica uma triste historia.

Em 1855 vivia em Bruxellas com sua mãe mandame Burdette, uma joven de peregrina formozura, e que foi adoptada por uma senhora riquissima de Londres. Muitos mancebos pretendêrão casar com a linda donzella, mas a final obteve a sua mão um filho de Hill, o opulento banqueiro irlandez. No contrato foi assegurada ao marido uma grande fortuna no caso de morrer antes d'elle sua esposa sem deixar descendentes. Os recém-cazados começaram a viajar, e como a esposa se achase de esperanças em Irlanda, quiz voltar a Londres para que se effituasse nesta cidade o nascimento do filho: ao chegar porém a Rogy deu á luz um menino em uma mala-posta. Hill fez baptizar o recém-nascido, trocando o appellido e attribuindo-lhe por mãe uma senhora Leymour, tudo sem que o suspetasse a verdadeira mãe. Poucos dias depois continuou para Londres com uma joven appellidada Parsons, levando o menino com pretexto de buscar uma ama. Ao chegar a Londres deu 16 libras e o menino a um trapeiro, auctorizando-o para ir pôr a creança na casa da beneficença, quando o julgasse conveniente. A pobre mãe chegou por fim a Londres e pediu que lhe mostrassem o filho; porém Hill entre-

inha a com novos pretextos de para dia, até dizer-lhe que o menino tinha falecido.

A joven Parsous vendo o desgosto da mãe, manifestou-lhe as suas esperanças, de que o filho ainda viveria e por fim descobriu o crime de Hill que se separou de sua mulher e foi para a Bélgica.

Pondo-se em pratica todos os recursos do amor maternal, e do dinheiro, ao cabo de largas investigações, o menino appareceu em uma hedionda pocilga, onde habitava uma velha que se servia da miseria e das chagas que a cobriam para excitar a curiosidade publica. Reccejou-se de que a terna mãe perdesse a razão com a alegria que experimentou ao ver o seu filho. O desnaturado pae está prezo, e o mais triste é que a creança está tão enferma que será difficil o seu restabelecimento.

Ao passo que vemos o bruto egoista do pae que abandona o filho para não ter um dia que dar-lhe uma legitima, encontramos uma acção heroica da mãe, commemorada por alguns jornaes francezes que temos á vista.

Uma mulher que tinha o cargo de guarda barreira, no caminho de ferro do norte ao pé de Paris, no momento de occupar o seu posto, viu que um filho seu de tres a quatro annos tinha passado para a via ferrea. O trem estava já a poucos metros. A pobre mãe sem reparar que ia expôr a sua vida a uma morte certa, correu para o filho, e o arremegou para fóra da via; porém, apesar da promptidão com que praticou esta sublime acção, que salvou a creança, a machina alcançou-a, e as rodas cortaram-lhe ambas as pernas. O filho recebeu só uma pequena contusão; mas a infeliz mãe expirou uma hora depois, deixando 5 filhos de curta idade, cujo pae é manco.

Hercules.—Não se realisaram as esperanças que manifestamos no nosso numero anterior acerca do salvamento do barco assim denominado, e que ha dias encalhou á entrada deste porto.

A carga, sendo na maior parte composta de *vails* para o caminho de ferro, concorreu bastante, com a violencia do mar, para que o navio abrisse agua em quantidade, de forma que hoje é impossivel salvar-o.

A não ser isto, ha quasi a certeza de que seria possivel desencalhar-o, talvez sem grande difficuldade, porque o sitio em que varou offerecia todas as probabilidades de salvação.

Estes dias tem andado já tirando-lhe a mastreação. Da carga pouco ou nada se poderá salvar, ainda por causa da natureza d'ellas.

É preciso que estes acontecimentos façam pôr de sobre aviso os pilotos e capitães que demandam, não só esta barra, mas todas as outras, para se guiarem *sem reflexões* pelos signaes que lhes fazem das fortalezas, porque uma má direcção de leme pode ser, e é a maior parte das vezes fatal.

Hontem entrou a barra o liate *Pretendido* em 17 palmos, e nem sequer tocou, ao passo que o *Hercules* apenas vinha em 12 a 13!.

Isto diz mais do que as observações que poderiamos ainda fazer.

Alfandega do Porto.—Rendeu esta casa fiscal no mez de Setembro 224.746\$316 rs.

Mercê regia.—Por decreto de 12 de agosto, foi agraciado com a commenda da ordem militar de Christo, o sr. Antonio Pinto de Carvalho, em attenção ao serviço que fez, conjuntamente com sua mulher, a exm.^a sr.^a D. Maria Rosa de Jesus Carvalho, da doação de varios bens de raiz e fóros, no valor de 10:070\$860 reis, para a manutenção do asylo de infancia desvalida de Oliveira de Azemeis, de que foi fundador.

CORREIO

LISBOA 2 DE OUTUBRO

(Do nosso correspondente.)

Ha de ser hoje enviado a todos os jornaes do reino o manifesto e circular, que o acompanha, da commissão, encarregada de regular o modo por que se ha de celebrar o anniversario do dia 1.º de dezembro de 1640.

O manifesto é um documento importantissimo, tanto pelo patriotismo que revella, como pela moderação com que está escripto. Energico pelo pensamento, mas o mais urbano na frase, o mais comedido na exposição e generoso em sentimentos, estou certo de que o manifesto será devidamente considerado por todas as nações da Europa, sem exceptuar a propria Hespanha.

Não ha nelle bravata nem provocação; ha verdade, exposta com energia, mas sem espirito de offender os nossos vizinhos ou de despertar as suas susceptibilidades.

Para em tudo a commissão se mostrar á altura da missão que lhe foi incumbida, a circular vem completar a ideia dominante do manifesto.

Celebrar aquella data gloriosa com demonstrações ruidosas, mas efemerhas, era alem d'uma imprudencia indesculpavel, tirar á commemoração a gravidade que deve ter. A commissão intendendo-o assim, foi o ecco da opinião publica, cujo voto encontrou na resolução unanime da commissão um fiel traductor.

Tudo quanto não fosse o que a commissão propõe, por agora, podia ser tomado em mau sentido pelos nossos vizinhos, que Portugal não tem a minima intenção de offender. Queremos celebrar um grande feito, queremos provar ao mundo quanto prezamos a nossa liberdade e autonomia, mas com a seriedade e dignidade que caracterisam o povo portuguez.

S. M. o sr. D. Pedro 5.º e os srs. infantes D. Fernando e D. Augusto embarcaram no domingo de tarde em Alcantara, com direcção ao Barreiro, para d'alli seguirem para Villa Viçosa, onde chegaram na segunda-feira pelas quatro horas da tarde. Os srs. presidentes do conselho e

ministro das obras publicas acompanharam os augustos viajantes até á estação do Barreiro. Aquelles dois ministros partem hoje de Lisboa para Villa Viçosa, onde provavelmente se demorarão até que el-rei regresses a capital.

No dia 29 recebeu-se em Lisboa participação telegraphica daquelle data, pela qual consta terem chegado a Antuerpia os srs. infantes de Portugal, e os principes de Hohenzollern.

Continúa a dizer-se que a sr.^a infanta D. Maria Anna acompanhará seus augustos irmãos na sua volta ao reino. Affirma-se que os medicos aconselharam á joven princeza que lhe seria muito útil, por causa dos seus padecimentos, vir passar algum tempo a Portugal.

O theatro de S. Carlos abre hoje com as *Vesperas Sicilianas*, opera em que entram os quatro principaes artistas da companhia. O tenor Fraschini já é nosso conhecido; dos outros tres artistas posso dizer, sem receio, que hão de agradar. Ouvi-os n'um ensaio, e gostei delles.

A sr.^a Bendacci tem uma voz excellente, no genero da de m.^{me} Lotti, mas é muito mais cantora do que ella. O baritono Guicciardi, embora não esteja já em todo o vigor, é, não obstante, um cantor de muito merito, e que dispõe de grandes recursos.

O baixo Dalla Costa, com quanto não seja um baixo profundo, tem uma voz extensa e redonda, e creio que ha de ser justamente estimado.

Veremos qual a impressão que deixam na sua estrêa de hoje; creio que ha de ser boa. De pois de os ouvir a *valer*, direi francamente a minha opinião.

Affirma-se que o sr. Casal Ribeiro será nomeado commissario regio para a exposição de Londres. A escolha não pode ser mais conveniente e acertada. Já se indigitam tambem alguns nomes de individuos para fazerem parte da commissão portugueza. A *Revolução* d'hontem publicou uma lista delles. Não sei até que ponto seja exata; entretanto, é de crer que não ande muito longe da verdade.

Vamos ter um novo livro, trabalho apurado e consciencioso d'um dos nossos poetas mais modestos. É a tradução feita pelo sr. Ramos Coelho da *Jerusalem Libertada* do Tasso, contemporaneo do nosso immorttal Camões. A obra é esperada com anciedade pelos nossos homens de letras, que sabem apreciar o talento do joven traductor e poeta.

Na tarde de domingo estreiraram-se os artistas americanos. Uma cousa é vel-os, e outra dizer o que elles fizeram. É a primeira vez que vejo que o cartaz fique inferior ás maravilhas que apregõa. Não é facil descrever a agilidade e perfeição dos exercicios daquelles homens extraordinarios. Onde a difficuldade é maior, e o perigo mais eminente, meliores artistas elles se apresentam. O publico, que ao principio se mostrara frio, applaudo-os e victoriou-os depois com muito entusiasmo. Foi justo.

Todos os cinco artistas são homens muito perfectos, principalmente o director, que sobresahe aos seus companheiros em força e elegancia.

Desde segunda-feira estamos aqui em pleno inverno. No Tejo tem havido temporal defeito, mas felizmente não ha sinistros que lamentar. Dos estragos causados em terra pela ventania, apenas tenho noticia do derrocamento d'uma casa muito velha e arruinada que havia na estrada do Rego.

Na segunda-feira depois da uma hora da tarde teve logar o consorcio do sr. conde de Rio-Maior, Antonio, com a filha dos srs. marquezes de Suberra. A cerimonia religiosa verificou-se na quinta de Suberra, proximo a Alhandra, propriedade dos paes da noiva. Foram madrinhas do casamento as senhoras condessa de Mello D. Maria Xavier Corrêa, e padrinhos um irmão e um tio do noivo. Entre os convidados contavam-se os srs. ministros da guerra e obras publicas.

O sr. João Evangelista d'Abreu, lente da escola do exercito, e o mais distincto estudante entre os tres que por conta do governo portuguez estiveram completando o curso d'engenheiros na escola de Paris, foi empregado pelo sr. Salamanca, na qualidade de inspector geral da linha ferrea de leste. Damos os parabens ao sr. Salamanca por tão excellente aquisição.

A *Revolução* d'hoje conta um facto extremamente curioso acerca d'um degradado, que ha poucos annos reside em Angola. Aquelle homem, depois de ter servido como soldado, deu baixa, foi para o Ambriz, onde em menos de cinco annos tem alcançado pelo commercio uma boa fortuna, tendo prestado serviços ao estado, já emprestando-lhe quinze contos de réis, já offerecendo polvora para a divisão expedicionaria. É hoje um dos mais acreditados negociantes daquelle localidade. Em attenção á sua actual posição, e aos serviços feitos á colonia e ao estado, pede agora a el-rei que lhe dê por findo o tempo que ainda lhe falta para cumprir a sentença.

A arte dramatica em França acaba de sofrer uma grande perda. Roze Cheri, a melhor artista que a França possuia na actualidade, falleceu recentemente, aos 37 annos de idade, victima de seu amor maternal. Roze Cheri juntava ás brilhantes qualidades de um grande talento, a condição não menos apreciavel d'uma grande honestidade, e podia ser citada por modelo de esposa e mãe.

A festa da sagração da igreja parochial de Santos foi feita com o maior esplendor. A *Opinião* de hoje tece muitos elogios ao sermão que pronunciou naquella igreja o padre Sargedas. Não posso emitir juizo acerca desta oração por que não a ouvi.

Por decreto de 12 d'agosto ultimo foi agra-

ciado com a commenda da ordem de Christo o sr. Antonio Pinto de Carvalho, fundador do asylo de infancia desvalida de Oliveira d'Azemeis. É justa a recompensa porque o serviço é valioso. O *Diario* tem ultimamente publicado muitos decretos, em que são conferidas condecorações a varios estrangeiros distinctos. Nada temos que dizer contra estas manifestações da munificencia real. Entretanto, vendo distribuir graças com tanta profusão, não podemos deixar de lamentar que ainda nenhum governo, depois de 1857, se lembrasse de aconselhar á corôa a conveniencia de galardoar muitos cidadãos benemeritos, que naquella infausta epoca prestaram importantissimos serviços aos habitantes desta cidade, com a maior dedicacão e risco de suas vidas. Serto bom não votar ao esquecimento esses cidadãos prestantes.

Diz-se, não sei se com fundamento, que o sr. Affonso de Castro vae ser exonerado de governador das ilhas de Timor e Solor. Atribue-se á publicação na *Revolução* d'uma carta d'aquelle cavalheiro, esta resolução do respectivo ministro. É certo que a citada carta está escripta com muita inconveniencia. Andou muito mal avisado quem lhe deu publicidade pela imprensa. Que o governador d'uma colonia transmitta confidencialmente ao ministro noticias exactas e de todo o ponto verdadeiras, sobre o estado da possessão, entregue aos seus cuidados e vigilancia, é um dever; mas que um funcionário de confiança venha a publico fazer ostentação e dar rebate das nossas misérias, é acção pouco louvavel.

Aqui não ha novidade politica que mereça mencionar-se. Apesar de estarmos em vespera d'uma eleição supplementar, e de se saber que a opposição e o governo trabalham por fazer vingar os seus candidatos, é tal o mysterio que guardam ambos os contendores, que ainda se ignora pela maior parte os nomes dos propostos.

Affigura-se-me excessiva esta reserva. Eu gostava que houvesse mais franqueza, mais publicidade, e menos segredo. Os proprios candidatos deviam ser os primeiros a dar signal de si, a annunciarem-se, a compararem-se entre si, reunindo comícios, fallando aos eleitores, e mostrando qual era o seu programma politico e economico.

Neste ponto estamos muito atrazados ainda. A modestia de quasi todos os candidatos a deputados é entre nós proverbial. Verdade seja que se alguns se mettessem a fallar em publico, difficilmente conseguiriam ser votados.

Dizem-me que ha propostas do sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos ao sr. Eduardo Coelho para este ir para Paris servir-lhe de secretario e collaborador. Eduardo Coelho é um moço muito intelligente e estudioso, e por certo digno a todos os respeito do lugar que lhe offerece o illustre correspondente da *Revolução* de Setembro.

O sr. Rebello da Silva chegou hontem a Lisboa. Esteve incommodado, mas, felizmente, a sua doença não teve as proporções que aqui lhe deram.

É esperado amanhã o batalhão de caçadores n.º 2, que fóra destacado para o Algarve, quando naquella provincia houve alguns disturbios ha dois mezes. A vinda do batalhão é signal de que se acha completamente restabelecida a tranquillidade publica no Algarve.

Um jornal de hoje diz que fóra hontem assignada a escriptura da venda do theatro do Gymnasio, entre a sociedade emprezaria, e o sr. Veiga, que é um dos socios da empresa de S. Carlos. O preço da venda foi de doze contos de réis.

São horas de correio. Por hoje não se me offerece dizer mais. Estimarei poder ser na proxima futura correspondencia mais extenso e noticioso.

EXTERIOR

A administração do grande e novo reino da Italia não adormece á sombra das palmas gloriosas colhidas nos combattes, nem estaciona ante os resultados, não menos triumphantes, do suffragio da urna popular.

Não tarda a publicação de uma lei organica do reino, na qual deve acabar o cargo de logar-tenente do rei.

Ha quem suspeite, que por este motivo, o general Cialdini deixará Nápoles. A *Opinião* de Turin desmente os boatos que tinham corrido acerca de algumas desintelligencias entre o general e o governo.

O fermento reacconario não cessa. Em Castiglioni foram apprehendidas armas e munições de guerra, as quaes, segundo parece, se destinavam para a Hungria.

Um jornal de Hespanha diz que houve um protesto do reitor do collegio real de Hespanha, fundado em Bolonha, pelo cardeal Albornaz, contra o governo piemontez, por este ter julgado propriedade nacional o mesmo collegio.

Parece que os reformistas de 1853 cuidam na fundação, em Madrid, de um periodico destinado a defender as suas ideias. Será chamado a *União Hespanhola*, e fallam em que terá, como director, o deputado Aparicio, a quem coadjuvarão como redactores, os srs. Merany, Saneaz e Galinde. A nova folha representará as opiniões e a influencia de alguns homens eminentes da politica, taes como Bertrand de Lis, Nocedal, Viloma, e Tejada.

É mais uma cambiante da mesma côr que ha muito domina a série dos acontecimentos politicos do reino visinho.

A «Gazeta do Danubio», periodico ministerial austriaco, diz que no dia 10 deste mez se arremessou por mão desconhecida, uma bomba sob

as janellas de um *café*, onde meia hora antes d'ella a estoirar e de partir todos os vidros e cristaes tinha estado o archi-duque Alberto com o seu sequito, esperando a hora de partir para Verona.

MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 1 de outubro

ENTRADAS

DO PORTO. Rascas port. Correo de Aveiro, mestre J. Simões, 9 pessoas de tripol., carvão de pedra.

Em 3

IDEM. Hiate port. Nova União, cap. J. da Rocha, 7 pessoas de tripol., lastro.

DE LISBOA. Hiate port. Pretendido, cap. J. P. Coelho, 8 pessoas de tripol., ferro.

Sahidas em 3

PORTO. Hiate port. Nova União, cap. J. F. Manno, 8 pessoas de tripol., sal.

IDEM. Hiate port. Lealdade, cap. M. F. Manno, 8 pessoas de tripol., sal.

IDEM. Hiate port. Fenix, cap. J. Nunes, 8 pessoas de tripol., sal.

IDEM. Bateira port. Olho-Vivo, mestre D. da Angolica, 7 pessoas de tripol., ferro e sal.

IDEM. Rascas port. Patuasca, mestre J. F. dos Santos, 9 pessoas de tripol., sal.

ANNUNCIOS

AZEITE DE OLIVEIRA

Pereira & Filho tem para vender aos alqueires e a preço commodo, uma porção d'azeite d'oliveira, de superior qualidade.

Quem precisar d'um escrevente em circumstancias de reger um cartorio, com alguns principios de latim e francez, e bem assim de outro qualquer escriptorio, dirija-se a esta redacção em carta fechada, franca de porte, onde se darão os esclarecimentos necessarios.

COLLEGIO

DE

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Estabelecido em Lisboa na rua da Esperança, antigo convento das religiosas de S. Bernardo.

DIRECÇÃO:

Francisco Antonio Martins Bastos, mestre de latimidade d'el-rei o senhor D. Pedro V, e da SS. AA. RR. etc. — e Joaquim Lopes Carreira de Mello.

A direcção d'este collegio tendo sempre em vista o bom estado, tanto material, como hygienico, moral, litterario, e scientifico do estabelecimento, tem realisado melhoramentos consideraveis e continúa n'esse proposito.

A presidencia e direcção da aula do estudo geral vae ser entregue a um ecclesiastico, de muita circumspecção e intelligencia, que pela sua residencia dentro do estabelecimento, fica tambem sendo o capellão, e professor na cadeira de moral religião, e cathechese, e director dos alumnos na parte espirital.

A escolha dos encarregados de policia tem sido feito com a maior sisudez e circumspecção, e espera a direcção que o seu pensamento ha de ter completa execução.

A cadeira de grego, que se achava vaga, vae ser regida pelo professor de grego do lyceu. A de inglez está já desde o principio deste mez sendo regida pelo mestre de inglez dos serenissimos senhores infantes: é inglez de nação. A de physica, chymica, e introdução á historia natural passa a ser regida pelo sr. Joaquim Rodrigues Guedes, lente de ciencias naturaes no collegio militar, bem conhecido na sciencia, até como auctor dos bellissimos compendios de physica, e chymica já approvados pela direcção geral d'instrução publica; continuando o sr. Gama Lobo, lente de fortificação na escola do exercito, com a cadeira de mathematica, que aqui rege ha muitos annos.

Além dos instrumentos, que o collegio já possui, para os estudos de physica, chymica, e exemplares para o da introdução, acaba de encomendar outros para dar mais garantias aos estudos d'esta sciencia, e de fazer preparar um pequeno, mas sufficiente laboratorio de chymica.

Não deve ser indifferente aos chefes de familia o tratamento e abundancia alimenticia; o sistema dos quartos separados, que se dão aos alumnos, e toda as mais condições hygienicas, que offerece o estabelecimento.

O collegio continúa a receber alumnos *internos, semi-internos, e externos*, segundo as condições exaradas nos estatutos e regulamentos, que se distribuem gratis na portaria do mesmo collegio.

O novo anno lectivo de 1861 a 1862 começa no dia 1 de outubro, com abertura solemne das aulas, segundo o costume.

RESPONSAVEL — Manoel Cypriano da Silveira Pimentel.

Typographia do Districto d'Aveiro.